

PARA A ELABORAÇÃO DE UMA HISTORIA DA ARTE PORTUGUESA POR VERGILIO CORREIA

A HISTORIA da Arte portuguesa tem sido feita por estrangeiros. E' esta uma verdade fundamental e dolorosamente deprimente em que temos de assentar.

Desde Murphy, que em fins do seculo XVIII mediu, estudou e desenhou a Batalha, até Walter Crum Watson, que no começo da centuria actual publicou o primeiro trabalho de conjunto sobre a arquitetura portuguesa, têm sido ingleses, alemães, polacos, francêses e hespanhoes, os autores das teorias, dos sistemas, das historias concernentes à arte lusitana. Os nomes de Racinski, Robinson, Celeneuer, Yriarte, Justi, Haupt, Bertaux, Watson, Dieulafoy percutem, com a sua bárbara acentuação, o tranqullo recolhimento das tradições e a doçura da lingua.

Caindo sobre um mundo novo e inexplorado, todos estes escritores publicaram, sem receio de controversias ou de criticas fundamentadas, o que muito bem lhes apeteceu. E como o critico, por ser critico, não deixa de posuir uma nacionalidade, todos trataram de entroncar na arte dos respectivos países, o que de bom encontraram aqui.

Sob este aspecto os mais de assinalar são os francêses. Só é bom, sem reservas, o que é francês, e tudo o que tem valor e não deve, por manifestar impossibilidade, attribuir-se ao espirito gaulês, deriva contudo, por influencias mais ou menos directas, da arte da França. . .

A apreciação desapaixonada dos trabalhos dos criticos estrangeiros, explicaria a teia de lendas, de ideias preconcebidas, de sistemas delirantes em que, hoje ainda, se debate a historia artistica nacional. O que de melhor deixaram em descrições e reproduções de monumentos, estragaram-no, quasi sempre, com essas teorias, que os portuguezes possuidores de conhecimentos claros acêrca dos estilos e o desenrolar dos grandes ciclos plasticos não podiam eficazmente combater por lhe faltarem historias, monografias, catalogos e inventarios dos monumentos e peças de valia, expostas nos museus ou guardadas em igrejas, palacios e mosteiros.

Os cronistas da arte portuguesa, do começo do século de oitocentos, Valkmar Machado, Taborda, O Cardeal Saraiva, o Abade de Castro, haviam relacionado mais do que criticado, sendo os seus depoimentos sómente valiosos na parte referente ao século XVIII. O que ficava para traz perdia-se numa obscuridade que os fogachos acendidos junto ás tendas de alguns pintores reaes não eram suficientes para dissipar. Francisco de Holanda não quizera, infelizmente, ser o nosso Vasari. Nem mesmo que o quizesse o poderia, certamente, ter sido, um homem que não comprehendia os *goticos*.

E' necessario galgar todo o século XIX para deparar com o verdadeiro creador da historia de arte portugêsa, Sousa Viterbo, poligrafo notabilissimo que durante largos anos, num trabalho exaustivo que o cegou, revolveu os arquivos recolhendo documentos referentes aos artistas e artifices lusitanos.

A' sua volta e seguindo o seu exemplo, Gabriel Pereira, Brito Rebelo, Prudencio Garcia, Maximiano de Aragão, D. José Pessanha e Teixeira de Carvalho, coligiram materiaes valiosos para a mesma obra de reconstituição.

A Sousa Viterbo faltavam porem a sensibilidade e os conhecimentos praticos que lhe permitissem aproveitar os trabalhos de investigação que realizára. E foi o Dr. Teixeira de Carvalho, o ultimo dos citados, que veio recortar dentro da literatura da especialidade, a silhueta do tipo superior do critico-investigador dos nossos dias, apetrechado convenientemente para a conquista definitiva de soluções para os nossos grandes problemas de arte antiga. Os seus volumes *Ceramica Coimbrã no século XVI*, *Domingos Antonio de Sequeira em Italia*, *Ouriwes de Coimbra* e *Mosteiro de S. Marcos*, recentemente publicados, demonstram exuberantemente as excepcionaes qualidades do autor e o quanto deveriamos contar com a sua vasta inteligencia e capacidade de trabalho superiormente orientado.

*

Os problemas fundamentaes concernentes às artes portugêsas continuam, de facto, sem solução.

No que respeita à arquitetura estamos longe de poder considerar estudados, quanto mais sintetisados, os problemas da arquitetura romanica, da diffusão do gotico, da transformação manuelina e da importação do renascimento.

Na escultura, a obra de recolha, ordenação e depuração, do professor Antonio Augusto Gonçalves, em Coimbra, é por emquanto, isolada.

Na pintura os resultados obtidos até agora, estão longe de corresponder ao numero de documentos que possuímos. A uma lista imensa de quadros contrapõe-se um rol não menos extenso de nomes de pintores. As ligações tentadas entre uma e outra são, quasi todas, arbitrarías e insubsistentes. Jorge Afonso, pintor real de D. Manuel, e não quero citar mais que este exemplo, hoje figurando como autor de dezenas de quadros, não tem uma unica obra identificada.

Nas artes decorativas succede o mesmo. A contribuição formidavel de Sousa Viterbo não teve ainda quem a aproveitasse.

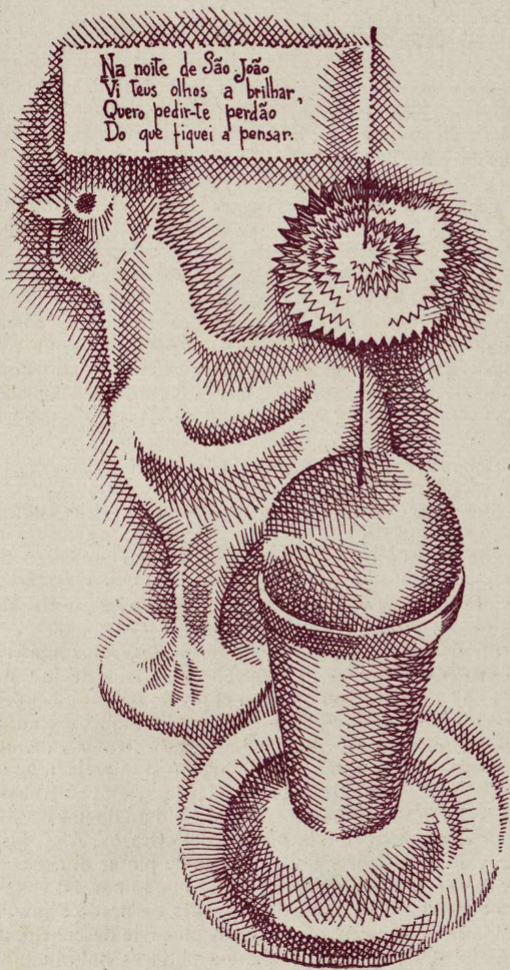
A nossa geração compete pois, e é por isso que eu escrevo estas linhas para a *Contemporanea*, — uma revista de novos — realizar o trabalho iniciado.

Antes de construir theorias é necessario alicerça-las com factos. Antes de expôr ideias gerâes, fatalmente inconsistentes por infundamentadas, e que, como taes só aproveitam à literatura do dia-a-dia, temos de organizar o relato minucioso e fiel dos documentos.

E como tudo o que está feito, excetuando o mencionado, enferma de fal-

sidades originarias, para a elaboração de uma historia de arte portuguesa ha que fazer-se, previamente, uma revisão de todo o material, excluindo, sem temores nem contemplações tudo o que não se baseie em documentos, tudo o que não tenha a sanciona-lo o exame comparativo entre monumentos da mesma epoca, portugueses e estrangeiros.

VERGILIO CORREIA



Na noite de São João
Vi teus olhos a brilhar,
Quero pedir-te perdão
Do que fiquei a pensar.

desenho de almada